



**Entrevista exclusiva concedida por escrito pelo Presidente da República,
Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal El País, do Uruguai**

Publicada em 28 de setembro de 2006

Jornalista: Em vias de um novo mandato presidencial, quais são os principais desafios que teria o seu governo?

Presidente: Caso eu receba mais um voto de confiança do povo brasileiro, procurarei dar continuidade e aprofundar as transformações que vêm proporcionando a dezenas de milhões de brasileiros uma vida com mais respeito e dignidade, em um ambiente econômico de estabilidade e previsibilidade, que amplia as oportunidades de emprego, educação e saúde. Os brasileiros desfrutam hoje de níveis mais elevados de vida: em meu Governo foram criados mais de 7 milhões de empregos, a renda dos trabalhadores é a mais alta dos últimos 20 anos e mais de 11 milhões de famílias pobres se beneficiam da Bolsa Família, carro-chefe do Programa Fome Zero. A inflação controlada duplicou o poder aquisitivo da Cesta Básica dos trabalhadores. Milhões de famílias passaram a ter luz em suas casas. Para que tudo isso seja melhorado será necessário um maior crescimento da economia. As bases para um crescimento sustentado foram criadas nestes quase quatro anos de Governo. Na política externa, buscaremos aprofundar a inserção comercial do Brasil e dos demais países em desenvolvimento. Continuaremos nosso esforço por ampliar o mercado para os produtos dos países do Mercosul, lutando pela eliminação de práticas distorcivas do comércio nos países ricos, principalmente na área agrícola. Defenderemos o fortalecimento do multilateralismo e a democratização do processo decisório nos foros internacionais, em particular por meio da reforma da ONU e de seu Conselho de Segurança. Também ampliaremos a mobilização internacional



para o combate à fome e à pobreza, área em que fizemos grandes avanços nos últimos anos. Finalmente, quero desencadear uma reforma política que aprimore o funcionamento de nosso Estado e de nossa democracia.

Jornalista: No âmbito regional, quais são os maiores obstáculos e quais seriam suas metas para o próximo período?

Presidente: Temos buscado, desde o início do meu primeiro mandato, avançar na integração da América do Sul. Criamos a Comunidade Sul-americana de Nações (CASA), que já teve a oportunidade de se reunir duas vezes no mais alto nível. A Comunidade tem contribuído para aproximar ainda mais os países sul-americanos, com os quais partilhamos afinidades históricas e culturais. O Brasil está buscando encontrar-se com a sua vizinhança. Essa aproximação ganhará mais relevância com o fortalecimento do Mercosul, cuja união aduaneira deve tornar-se mais justa e mais equilibrada. Para tanto, o Mercosul não pode perder de vista os legítimos interesses dos seus sócios menores.

Jornalista: Nos últimos tempos, tem havido fortes críticas por parte dos sócios menores do Mercosul a respeito do funcionamento do bloco. O que foi que falhou e que passos pontuais o senhor pensa dar para tentar reabilitar o processo de integração e reduzir as tensões internas?

Presidente: O problema fundamental do Mercosul é o das assimetrias dos países que o integram. Temos lançado e apoiado iniciativas que procuram atenuar essas assimetrias e permitam proporcionar maiores ganhos para os sócios menores do bloco. É o caso do Fundo de Convergência Estrutural do Mercosul (FOCEM), que beneficia diretamente esses importantes parceiros. Temos procurado, igualmente, ampliar as oportunidades de importação pelo Brasil de produtos provenientes dos sócios menores. Este é o objetivo do



Programa de Substituição Competitiva de Importações, que inclui, entre outros países, o Uruguai. Mas só comércio não basta. Queremos incentivar investimentos no Uruguai e no Paraguai, para que esses países possam exportar mais para o Mercosul e outros mercados. Da mesma forma, apoiaremos, com créditos, novos investimentos no Uruguai. Esta seria uma maneira de diversificar as exportações e de aumentar a sua capacidade de produção local. Nossa visão para o Mercosul é de longo prazo. Outras mudanças estão sendo estudadas por nosso Governo, como uma maior flexibilidade no que se refere a regras de origem e a obtenção de recursos que poderiam vir com o fim da dupla tributação alfandegária.

Jornalista: Com o ingresso da Venezuela no Mercosul, alguns analistas afirmam que o Brasil perdeu grande parte de sua liderança regional. O senhor está de acordo? Que opinião o senhor tem do estilo internacional de Hugo Chávez? Não acha que o protagonismo dele pode afetar a imagem internacional do Mercosul?

Presidente: O Brasil não persegue liderança. Quer parcerias. Não aspira posições hegemônicas. Busca solidariedade. Se não houver uma sólida e equilibrada associação de nossos países, não teremos condições de inserir-nos de forma competitiva no mundo de hoje. A Venezuela é um país economicamente importante, financeiramente sólido, um parceiro relevante que dará uma contribuição muito positiva ao Mercosul.

Jornalista: O Paraguai e o Uruguai anunciaram sua intenção de negociar acordos bilaterais com os Estados Unidos e outros países, a que o Brasil disse não se opor, desde que não se danifique o “coração do Mercosul”. O que o senhor quer dizer com isto? O senhor acredita que existe a ameaça de uma fratura no bloco?



Presidente: Durante o nosso encontro em Canoas, no dia 8 de setembro, recebi do Presidente Tabaré Vázquez a justa reivindicação do Uruguai de buscar, onde seja possível, benefícios para o seu país em negociações comerciais com terceiros países. Concordamos em que o Uruguai deve buscar explorar possibilidades comerciais, no entendimento de que se deva preservar a união aduaneira do Mercosul e o nosso projeto comum de integração. Assim como o Presidente Tabaré, também quero mais e melhor Mercosul.

Jornalista: Fala-se da possibilidade de se caminhar em direção a um Mercosul mais político e de criar um parlamento comum. O senhor está de acordo? Não crê que isto aumentaria as travas burocráticas no bloco?

Presidente: Sempre acreditei que o Mercosul deve evoluir para uma união política e acho que devemos aspirar o mesmo para toda a América do Sul. A integração latino-americana é parte do nosso projeto como país e este preceito encontra-se inscrito na própria Constituição do Brasil. Sempre defendi a criação do Parlamento do Mercosul como uma peça importante no nosso processo de integração regional. Um Mercosul político ajudará em muito a desburocratização de nossas relações econômicas e comerciais. O Parlamento, em particular, permitirá um compromisso maior de nossa cidadania com a integração, uma vez que será ela quem vai eleger os deputados desta instituição.

Jornalista: Por ocasião do conflito entre Argentina e Uruguai pela instalação de fábricas de celulose, alguns acusaram o seu governo de inação, e de não intervir para mediar o conflito. Qual é sua opinião? O seu governo deveria ter um papel mais ativo?



Presidente: O Brasil estará sempre disposto a contribuir para a solução de questões regionais, desde que essa ajuda seja solicitada por todas as partes envolvidas. Tivemos iniciativas discretas neste episódio e logo compreendemos que não teriam a eficácia que delas poderia se esperar. A questão está sendo julgada e deverá ser resolvida no foro adequado, não se excluindo, *a priori*, outro tipo de solução mutuamente aceitável.

Jornalista: Com a chegada de governos de esquerda a muitos países da América do Sul, pensou-se que o continente entraria em uma etapa de maior harmonia e cooperação. No entanto, tem havido numerosos conflitos e os analistas falam da existência de dois grupos, com a Bolívia e a Venezuela de um lado e o resto por outro. O senhor está de acordo? Quais são as diferenças ideológicas de Chávez e Evo Morales com o senhor?

Presidente: Não me cabe, nem me agrada, rotular movimentos de esquerda na América Latina. O fato sumamente positivo é que há, no momento, governos com afinidades, sobretudo quanto à ênfase na promoção das questões sociais, como o combate à fome, à pobreza e à desigualdade. Temos hoje na região governantes que não pensam apenas no crescimento econômico, mas também na distribuição da renda, na educação e na saúde, ou seja, pensam no bem-estar do povo como um todo. Temos que tirar partido de nossas convergências e trabalhar juntos em todas as esferas possíveis. Nossa política externa não tem uma marca ideológica. Perseguimos objetivos e valores como o multilateralismo, o respeito aos Direitos Humanos, a paz e a cooperação entre os povos e, mais especificamente, a integração e solidariedade da América do Sul.



Jornalista: Em um mundo que cada vez mais se estrutura em blocos, qual o senhor acredita que deverá ser o futuro da América do Sul? Negociar com os Estados Unidos? Com a Europa? Com a Ásia?

Presidente: Sim. Efetivamente, o mundo está se organizando em blocos e a América do Sul cometeria um erro se não caminhasse nessa direção. Juntos, somos mais fortes para negociar e promover nossos interesses. A integração regional nos oferece a possibilidade de, por um lado, encontrar nos nossos vizinhos a complementação econômica que nos falta, com menores custos e maior vantagem comparativa. Por outro, amplia o nosso poder de negociação ao transformar-nos em um mercado mais atrativo, com população e PIB maiores. Há também as afinidades históricas e geográficas, que devemos aprofundar, sempre. Devemos, evidentemente, negociar com as grandes potências econômicas, mas incrementar igualmente nossas relações com o Sul do mundo. Mais de metade das exportações brasileiras se destinam hoje a países em desenvolvimento. Nossas exportações para os países desenvolvidos também cresceram muito. Globalmente, duplicamos nosso comércio exterior em três anos.

Jornalista: Os últimos meses de campanha eleitoral em seu país têm estado repletos de denúncias e acusações contra os membros de seu partido. O senhor acredita que se trata apenas de estratégias eleitorais ou houve falta de preparo ou experiência em quadros de seu governo? Por quê o apoio à sua figura continua tão alto, em que pese todas essas denúncias?

Presidente: O Brasil atingiu, nos últimos anos, um nível de maturidade política sem precedente na História do país, reflexo da consolidação das instituições democráticas e da conquista da estabilidade econômica, entre outros fatores. Para isso, muito tem contribuído a liberdade de imprensa no Brasil. Mas o



fundamental é que grande parte das denúncias surgiu a partir de iniciativas do próprio Governo que eu presido, de nossa Polícia Federal, de nossa Controladoria, do Procurador Geral da República que goza absoluta independência e das Comissões de Investigação que as duas Casas do Congresso criaram, sem qualquer inibição, como ocorreu no Governo anterior. É importante que não se permita a impunidade e que não se deixe de investigar e apurar todas as denúncias de desvios, em todas as instâncias da nossa sociedade, entre elas o próprio Governo. Tenho minha consciência tranqüila e estou seguro de que o povo brasileiro sabe disso. Sempre pautei a minha vida pessoal e política por uma ética rígida e não tolerarei, como não tenho tolerado, desvios no meu Governo.